

# A PRÁTICA DO TRABALHO EM PUXIRÕES EM FAXINAIS DE REBOUÇAS-PR - UMA ANÁLISE CONCEITUAL

## THE WORK PRACTICE IN PUXIRÕES IN FAXINAIS OF REBOUÇAS-PR - A CONCEPTUAL ANALYSIS

WELLERSON EMANUEL FERREIRA<sup>\*1</sup>

**Resumo:** O presente artigo se propõe realizar uma análise conceitual do termo “puxirão” e suas diferentes variações, que, em síntese, correspondem às práticas de trabalho grupal/comunal realizadas nas comunidades faxinalenses do Salto e de Marmeleiro dos Soares, do município de Rebouças, Paraná. Buscaremos, ao longo deste artigo, demonstrar as diferenças e as semelhanças desse conceito nas comunidades acima citadas, bem como daremos destaque às variações na grafia e na nomenclatura (como “puxirão” que se refere a um grupo de trabalhadores com maior número de participantes e “pixirão” quando se trata de um grupo em menor escala), exemplificaremos a variedade terminológica em âmbito nacional e os sentidos e a significância conceituais em diferentes regiões.

**Palavras-chave:** puxirão/mutirão; faxinal; conceitos.

**Abstract:** This article proposes to do a conceptual analysis of the word “puxirão” and its different variations that, in synthesis, correspond to group/communal work practices carried out in the communities of Salto and Marmeleiro dos Soares in the municipality of Rebouças PR, which served as research field for practice analysis. We will seek throughout this article, to demonstrate the differences and similarities of this concept in the communities mentioned above, as well, as highlighting the variations in the spelling and nomenclature which it receives (as puxirão for a larger group of workers, and pixirão when it’s a smaller group), as we will exemplify the terminological variety nationwide and the senses and conceptual significance in different regions.

**Keywords:** puxirão/mutirão; faxinal; concepts.

---

\* Pós-graduado em Ensino de História pela Faculdade de Educação São Luís. Mestrando pelo Programa de Mestrado em História e Região da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – UNICENTRO. (E-mail: wellersonferreira91@gmail.com).

<sup>1</sup> Artigo recebido em 06 de abril de 2020 e aprovado para publicação em 12 de novembro de 2020.

## A História dos Conceitos: contribuições para o entendimento do social

Toda organização de grupo social possui caracterizações que o configura e o enquadra, que proporcionam identidade e o diferencia, considerando, desse modo, o amplo leque de elementos constituintes de cada grupo social. Partindo deste pressuposto, tomemos os conceitos como elementos que balizam e configuram o social, pois são frutos da sociedade, nelas nascem e carregam consigo inúmeros sentidos e significados que nos possibilitam um melhor entendimento daquelas organizações. Como objeto para a realização da análise de um grupo e de conceitos associados a este teremos as comunidades<sup>2</sup> do município de Rebouças organizadas pelo modo de vida chamado de faxinal<sup>3</sup>, sendo estas: Salto e Marmeleiro de Cima. Nesse sentido, examinaremos também os conceitos de “puxirão”, “mutirão”, “pixirão” e “pitoco” que são ligados à prática do trabalho grupal e são existentes nessas comunidades.

Buscando oferecer uma base de informações a respeito dos faxinais em que se realizaram as pesquisas de campo, detalhamos que estas possuíam a dimensão de 346<sup>4</sup> hectares<sup>5</sup> em Marmeleiro de Cima. Já a área registrada do Faxinal do Salto em relação ao criadouro comum é de 152,45<sup>6</sup> ha<sup>7</sup> em 1997, ano em que essa área foi regulamentada pelo ARESUR, sendo que, segundo o mesmo órgão, atualmente a área é de 92,00 ha.

Nesta pesquisa, realizamos entrevistas com membros das comunidades analisadas, sendo entrevistados três faxinalenses da comunidade do Marmeleiro de Cima e três do Salto.

---

<sup>2</sup> Ao mencionar “comunidade”, neste artigo, atentamos para que o termo seja sempre analisado tomando como entendimento um grupo social.

<sup>3</sup> Como é apresentado pela literatura especializada: “Chama-se Sistema de Faxinal a um modo de utilização das terras em comum, existente na região Sul do Brasil, para a criação de animais e que se tem classificado como manifestação cultural pertencente à categoria dos povos tradicionais; forma própria de uso e posse da terra, o aproveitamento ecológico dos recursos naturais – pinhão, guabirobas, araçás, pitangas e jabuticabas, o cultivo da vida comunitária e a preservação de memória comum.” CAMPIGOTO, José Adilçom; SOCHODOLAK, Hélio. (Org.). **Estudos em história cultural na região sul do Paraná**. Guarapuava: Editora da UNICENTRO, 2008, p. 21. A maioria dos faxinalenses partilham as terras de criar gado, aproveitam para a criação e posterior venda e/ou abate dos animais.

<sup>4</sup> SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS HÍDRICOS DO PARANÁ. **Resolução n° 65/ 97**. Curitiba, 19 de agosto de 1997. Disponível em: <[http://www.iap.pr.gov.br/arquivos/File/Dibap\\_RES\\_FAX\\_MARMELEIRO\\_DE\\_CIMA.pdf](http://www.iap.pr.gov.br/arquivos/File/Dibap_RES_FAX_MARMELEIRO_DE_CIMA.pdf)>. Acesso em: 06 out. 2020.

<sup>5</sup> Hectare é uma unidade de medida para superfícies agrárias que correspondente a cem ares ou um hectômetro quadrado (10.000m<sup>2</sup>).

<sup>6</sup> SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS HÍDRICOS DO PARANÁ. **Resolução n° 67/ 97**. Curitiba, 19 de agosto de 1997. Disponível em: <[http://www.iap.pr.gov.br/arquivos/File/Legislacao\\_ambiental/Legislacao\\_estadual/RESOLUCOES/RESOLUC\\_AO\\_SEMA\\_FAXINAL\\_SALTO.pdf](http://www.iap.pr.gov.br/arquivos/File/Legislacao_ambiental/Legislacao_estadual/RESOLUCOES/RESOLUC_AO_SEMA_FAXINAL_SALTO.pdf)>, Acesso em: 06 out. 2020.

<sup>7</sup> Medida agrária em que um hectare (ha) corresponde a dez mil metros quadrados.

Em relação à quantidade de entrevistas, vale ressaltar que selecionamos estas conforme os relatos ofereciam fomento em relação à temática abordada, os puxirões. No que diz respeito à qualidade, julgou-se pertinente focar em pessoas de mais idade, sendo estes capazes de relatar contextos mais amplos, oferecendo a possibilidade de reflexão quanto às alterações, mudanças e permanências na prática e na linguística ligadas aos puxirões. As entrevistas não ocorreram de maneira semiestruturada, pois foi traçado como objetivo a construção de um diálogo no qual o entrevistado relatasse conforme sentia-se mais confortável. Aliado a isso, as entrevistas foram realizadas visando o maior nível possível de neutralidade na pesquisa historiográfica, buscando não auferir nenhuma forma de influência na recordação e no sentido das lembranças dos entrevistados.

Desse modo, fica explícito que cada comunidade possui uma cultura e especificidades próprias, bem como compartilham práticas culturais. Esse fato se observa, até mesmo, no caso de duas comunidades faxinalenses vizinhas. Quanto aos conceitos, não é diferente, cada comunidade encontra-se em uma relação de concomitância conceitual, uma vez que sem conceitos comuns não pode haver uma sociedade. Nesse sentido, os conceitos, quando nascem, alastram-se socialmente em um processo natural necessário para que se tornem presentes de modo amplo na sociedade. Ao mesmo tempo, da linguística, os conceitos passam a serem refletores da realidade vivenciada no âmbito sócio-político, ou seja, são reflexos do atual.

Esta ligação do social com o político, demonstra a necessidade, em termos analíticos, de se ir além da linguística, o que fica evidente nas palavras de Reinhart Koselleck:

Portanto, a história dos conceitos é, em primeiro lugar, um método especializado da crítica de fontes que atenta para o emprego de termos relevantes do ponto de vista social e político e que analisa com particular empenho expressões fundamentais de conteúdo social ou político. É evidente que uma análise histórica dos respectivos conceitos deve remeter não só à história da língua, mas também a dados da história social, pois toda semântica se relaciona a conteúdos que ultrapassam a dimensão linguística.<sup>8</sup>

A partir da perspectiva de Koselleck, observamos que “conceito” se trata de expressões e/ou palavras que possuem uma carga de significação e associação, bem como possuem uma

---

<sup>8</sup> KOSELLECK, Reinhart. História dos conceitos e história social. In: \_\_\_\_\_. **Futuro Passado:** contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Editora Contraponto/ Editora PUC-RIO, 2006, p. 97-118. p.103.

trajetória histórica marcada por variações e ressignificações ao longo do tempo<sup>9</sup>. Desse modo, os conceitos devem ser problematizados para além de uma compreensão que os contempla como simples palavras. Os conceitos unem diferentes totalidades de sentidos e carregam uma diversidade de experiências históricas. Portanto, os conceitos são práticas perceptíveis na história social.

Como citado anteriormente, cada comunidade agregará suas próprias características às práticas; da mesma forma com os conceitos, os quais podem estar presentes em diversas comunidades e compartilhar a mesma grafia. Entretanto, o sentido atrelado ao conceito dependerá da realidade ao qual pertence, e isso difere de comunidade para comunidade. Assim, fica claro que os conceitos exigem uma generalização em âmbito grupal ao qual são inerentes, além de serem polissêmicos, de significados ricos e múltiplos.

Ao adentrar no estudo das abordagens conceituais em pesquisas historiográficas, torna-se importante ressaltar que o conceito é um material de construção da História e, desse modo, é uma construção intelectual dotada de temporalidade. Além disso, o conceito faz com que a História seja experimentável e, segundo Jörn Rüsen<sup>10</sup>, são os conceitos que garantem cientificidade à História, agregando-a um caráter conferível, pesquisável e narrável. Além destes aspectos, o autor aponta que os conceitos são qualificadores e classificadores, percepção que é presente nesta pesquisa, a qual, por sua vez, aborda uma prática cultural realizada por faxinalenses, classificados, pelos pesquisadores, como povos tradicionais. Ou seja, qualificamos e classificamos os faxinalenses ao os enquadrar como povo tradicional.

Desse modo, a amplitude de compreensão social, por meio dos conceitos, não está limitada apenas à significância intrínseca ao presente, sendo o conceito um espelho social, mas possibilita a percepção e a compreensão de realidade do passado, quando o conceito é abordado no contexto de sua criação e durante o seu percurso histórico. O conceito possui a capacidade de aprisionar as realidades de cada momento, isto é, em cada época pela qual perpassa o conceito, este guarda em si a atualidade do presente qual um dia pertenceu. Contudo, os conceitos sofrem alterações, mudanças e permanências no decorrer da caminhada histórica pela

---

<sup>9</sup> KOSELLECK, Reinhart. Uma História dos conceitos: problemas teóricos e práticos. **Estudos Históricos**, v. 05, n. 10, 1992, p. 134-146.

<sup>10</sup> RÜSEN, Jörn. **Reconstrução do passado**. In : \_\_\_\_\_. Teoria da História II: Os princípios da pesquisa histórica. Brasília: Ed do UNB, 2007.

qual passam, e, portanto, nesse caminho, percebe-se que há o ganho de novos sentidos e significados, assim como mudanças na grafia:

Exatamente quando se focaliza a duração ou a transformação dos conceitos sob uma perspectiva rigorosamente diacrônica, a relevância histórica e social dos resultados cresce. Por quanto tempo permaneceu inalterado o conteúdo suposto de determinada forma lingüística, o quanto ele se alterou, de modo que, ao longo do tempo, também o significado do conceito tenha sido submetido a uma alteração histórica?<sup>11</sup>

Ao reconhecer que os conceitos são construtos sociais e que as sociedades estão em constante processo de alteração, ainda que alguns elementos permaneçam, verifica-se que os conceitos atrelados às sociedades estão concomitantemente sujeitos a transformações. Nesse sentido, é possível, para os pesquisadores, compreender as dinâmicas sociais/da comunidade num contexto definido, o que motivou as mudanças e porque a significação conceitual imprimia determinado sentido para o grupo.

Os conceitos têm um tempo, e, no seu decorrer, alguns significados se perdem, permanecem totais ou em partes, outros alteram-se consideravelmente. Desta forma, percebemos que o neologismo é o processo em que uma nova característica é agregada ao conceito e, assim, essas incorporações demonstram como os conceitos são flexíveis e passíveis de auferir uma nova roupagem. Todavia, mesmo que o conceito passe pelo processo da ressignificação, o seu princípio se mantém, tendo desta maneira a sobrevivência conceitual.

O conceito nasce, portanto, no seio social e toma corpo quando é absorvido e desfrutado por esta, mas quem formula o conceito? Os conceitos nascem de concepções de entendimentos científicos, intelectualmente por meio da compreensão do social ou mesmo indiretamente, pois não é raro um termo novo mobilizado para explicar algo seja absorvido pela sociedade e passe a representar um conjunto de elementos. Dessa maneira, torna-se ainda mais fundamental a conceituação como fator significante no processo de produção do saber historiográfico, conforme podemos perceber a partir dos escritos de Paul Veyne:

Formar o conceito ou formular a equação: a conceituação e a formalização são duas atitudes intelectuais fundamentais; se a oposição entre espíritos literários e espíritos

---

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 105.

científicos tem um sentido, trata-se desse. A conceituação aparece ou faz sentir sua ausência em todas as etapas do trabalho historiográfico.<sup>12</sup>

Temos, assim, a necessidade de realizar uma análise conceitual buscando o(s) significado(s) intrínseco(s) ao conceito no passado e na atualidade; investigando os usos do conceito ao longo do tempo; e desvendando transformações ou permanências linguísticas relacionadas ao conceito em questão. A semântica carrega os conteúdos que ultrapassam as barreiras linguísticas, uma vez que é por meio dela que podemos conceber as estruturas conceituais. Um dado conceito nasce em determinado grupo social ou comunidade com função de representar sentidos, fatores, realidades, elementos conjunturais, entre outros. Mas, há possibilidade que, por motivos variados, esse conceito seja absorvido por outro grupo e, nesse processo, descarte determinadas representações inerentes ao conceito por não adequarem-se a sua realidade, adicionando novos sentidos aos já existentes.

Como disciplina, a História dos Conceitos preocupa-se com diferentes designações dos fatos e, assim sendo, com os vários nomes que um conceito pode receber no decorrer da história. Citemos, como exemplo, a prática do trabalho grupal nos faxinais denominados por “puxirão” ou “mutirão”. Nesse caso, há duas grafias diferentes para o mesmo conceito, porém, tanto em Marmeleiro de Cima quanto em Salto, a prática é descrita como a união familiar. Entre os faxinalenses, segundo Oliveira<sup>13</sup>, era um motivo de orgulho relatar que em sua comunidade eram realizados os mutirões, pois transmitiam, assim, a imagem de grupo unido e de indivíduos munidos de zelo e cuidado com o próximo. A prática do trabalho comunal tinha variações conforme a região, e, no município de Rebouças, também variava conforme o faxinal no qual era realizado, o que repercutia diretamente na grafia do conceito, isto é, a nomenclatura variava conforme a realização da prática cultural.

Essa nuance na variação semântica perceptível no emprego das expressões está presente em diversos conceitos, da colocação informal ao discurso acadêmico. Podemos perceber na linguagem as permanências e as alterações, pois, por meio das mudanças na pronúncia ou na grafia, observamos indícios de rupturas ou de continuidades, assim como a variedade linguística conforme a localização regional.

---

<sup>12</sup> VEYNE, Paul. História Conceitual. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: Novos Problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1974, p. 71.

<sup>13</sup> Entrevista realizada no faxinal Marmeleiro dos Soares com o Sr. Amaro de Oliveira em 28 de março de 2019.

No Faxinal do Salto e do Marmeleiro dos Soares, quando o trabalho grupal era realizado envolvendo grande número de moradores e era seguido de um jantar ou festa (podendo ser um baile), denominava-se mutirão<sup>14</sup> ou puxirão. Todavia, no Salto, quando a reunião era de um pequeno grupo com o objetivo de se realizar trabalhos mais simples ou de menor intensidade, a denominação dada é pitoco. Como explica a faxinalense Regiane Aparecida de Andrade:

[...]é porque o mutirão não tá completo, tá pitoco, igual um cachorro sem o rabo, falta uma parte, e quando não tá completo não se faz a festa, só o serviço mesmo, porque justamente por faltar os conhecidos, a festa do trabalho não é tão grande, principalmente quando os compadres não se acham pra contar os causos.<sup>15</sup>

Quando a faxinalense moradora do Salto utiliza o termo pitoco refere-se a um cão sem cauda, pois, segundo ela, os moradores utilizavam o nome para mencionar um mutirão com menor número de participantes. A diferença presente entre o uso dos termos foi percebida ao notar que, no Marmeleiro dos Soares, um puxirão com menor número de faxinalenses participando é denominado pixirão, sendo que os moradores desta comunidade explicam que a sílaba “pi” no lugar do “pu” transmite menor entonação na fala e, portanto, “pi” é associada ao menor grupo de trabalhadores.

Da mesma forma com que a grafia do conceito mudou de um faxinal para outro, o sentido ou o significado pode também conter nuances. Sabendo que o faxinal, organização social e complexo cultural, está diretamente relacionado à união familiar, verifica-se que cada família pode concebê-lo de diferentes maneiras. Assim, não significa que, ao permanecer a mesma palavra, o conteúdo em nada será alterado. Koselleck demonstra esta alteração por meio do conceito de burguês quando explica que:

---

<sup>14</sup> Segundo os moradores entrevistados, no **muti**-rão ou **puxi**-rão, as primeiras sílabas (devido à letra “u”) empregam tonalidade mais forte na pronúncia, simbolizando um número maior de faxinalenses participando do trabalho e, portanto, mais força de trabalho e mais resultados.

<sup>15</sup> Entrevista realizada no faxinal do Salto com a Sra. Regiane Aparecida de Andrade em 11 de outubro de 2019. Vale destacar que, optou-se pela oralidade devido a capacidade da História Oral em transmitir a sensibilidade daquele que fala, dos pontos positivos aos negativos sobre determinado assunto. Todos os faxinalenses entrevistados no Salto e no Marmeleiro dos Soares, para a realização desta pesquisa, deixaram clara a importância e a significância dos puxirões, especialmente pela dificuldade em executar as atividades individualmente. Assim, características das comunidades, como a composição de identidade, a cultura, os costumes e a sociabilidade, podem ser descobertas. Segundo Ferreira e Amado, “Na história oral, existe a geração de documentos (entrevistas) que possuem uma característica singular: são resultado do diálogo entre entrevistador e entrevistado, entre sujeito e objeto de estudo; isso leva o historiador a afastar-se de interpretações fundadas numa rígida separação entre sujeito/objeto de pesquisa, e a buscar caminhos alternativos de interpretação.” FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. Apresentação. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. **Usos e abusos da história oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000, p.14.

As palavras que permaneceram as mesmas não são, por si só, um indício suficiente da permanência do mesmo conteúdo ou significado por elas designado. Assim, o homônimo "burguês" [Bürger] é vazio significado, se não for examinado pela perspectiva da mudança de sentido do conceito: de cidadão ou habitante da cidade [ (Stadt-)Bürger ] por volta de 1700, para cidadão do Estado [ (Staats-)Bürger ] por volta de 1800 e, por fim, para burguês [Bürger], no sentido de não-proletário, por volta de 1900.<sup>16</sup>

Os conceitos apontam para o futuro, assim como todo conceito contempla um viés político, por isso é importante estarmos atentos aos usos dos termos do ponto de vista social e político e relacioná-los aos conteúdos da História Social.

Tendo em vista as questões apresentadas, observa-se que é possível analisar determinada sociedade ou grupo em um contexto somente por meio dos conceitos comuns ali presentes. Portanto, é necessário atentar-se não só ao que o conceito representa atualmente, mas compreendê-lo em seu processo histórico, a presença das ressignificações dos termos e os significados dos conceitos no presente e no passado, desvendando a historicidade dos conceitos. Os conceitos camuflam-se como simples palavras, mas são repletos de significâncias ricas e múltiplas, assim como as fotografias, aprisionam o tempo, pois, mesmo que este passe, o sentido histórico “capturado”, “aprisionado naquele presente” e agregado ao conceito para sempre existirá em relação ao grupo social e ao contexto histórico específico.

### **O conceito de Trabalho Grupal: uma análise através da grafia e a amplitude da variedade terminológica**

Historicamente, temos relatos de inúmeras práticas culturais realizadas pelos povos tradicionais no Brasil e no mundo. Nos faxinais da Região Sul do país, há um amplo leque de hábitos culturais que marcam as tradições das comunidades em relação à religião, às técnicas de construção, ao modo de organização do social, aos elementos de composição de identidade<sup>17</sup>,

---

<sup>16</sup> *Op. Cit.* p. 105.

<sup>17</sup> O conceito de identidade está presente em algumas passagens do texto, não sendo um dos temas de destaque abordado, mas com considerável relevância. Por este motivo, julgou-se pertinente trazer uma concepção acerca do conceito, firmando seu entendimento e complementando o sentido de identidade quando assim remeter-se aos moradores estudados. A identidade compõe o interior do sujeito (no caso específico deste trabalho, o faxinalense) e se adequa conforme interações em ambiente “extra-particular”, isto é, as características mais particulares adquiridas no seio da comunidade moldam os moradores no decorrer de suas vivências e convivências como faxinalenses. Neste caso, partindo das contribuições do pesquisador Stuart Hall, “a identidade é formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o ‘eu real’, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses



entre outros. Todavia, cada um possui sua especificidade. Entre os elementos culturais que caracterizam o modo de vida faxinalense e, nesse sentido, a prática do trabalho grupal destaca-se como mais um fator que baliza o meio, demonstrando a união entre os moradores dessas comunidades.

Em meio à complexidade e à amplitude de elementos que compõem o tema, a pesquisa de campo nas comunidades do Salto e do Marmeleiro dos Soares mostrou-se como um procedimento que proporcionou a possibilidade de absorver e compreender em nível mais expressivo o real significado da expressão “puxirão”, assim como a prática cultural associada a esta. Portanto, a proposta de investigação fundamenta-se na pesquisa qualitativa e na análise documental, tomando a oralidade como fonte histórica. Segundo o teórico Triviños, esse método de pesquisa, de caráter dinâmico, possibilita uma relação interativa de abordagem e análise, proporcionando uma identidade diligente às investigações; quanto a metodologia, o autor aponta:

[...] se desenvolve em interação dinâmica retroalimentando-se, reformulando-se constantemente, de maneira que, por exemplo, a coleta de dados num instante deixe de ser tal, e passe a análise de dados, e esta, em seguida, é um veículo para novas buscas de informações.<sup>18</sup>

Possuindo como alicerce metodológico esse procedimento de pesquisa, tomemos esta forma de trabalho como um conceito que traduz o que vem a ser a vivência em faxinal, onde percebemos a identificação entre os moradores, os sentidos de compartilhamento e de divisão e o auxílio para com todos e entre todos. Desde a “terra de criar”, em que os faxinalenses beneficiam-se dos terrenos de todos os membros da comunidade para que os animais se alimentem e se desenvolvam mutuamente, até um puxirão para limpar uma lavoura de um vizinho doente, que por conta própria não poderia fazer o serviço. Percebidos por meio da cultura e dos hábitos compartilhados na comunidade, o zelo e o cuidado existente entre os moradores refletem a união na interação cotidiana entre os faxinalenses.

---

mundos oferecem.” HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

<sup>18</sup> TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

Os “puxirões/mutirões”<sup>19</sup> são grupos de moradores organizados para executar determinado trabalho na comunidade, que pode ser realizado tanto na terra de plantar, estando diretamente ligado a alguma cultura agrícola (por exemplo, carpir feijão, fazer uma roçada e virar a terra) quanto na terra de criar, onde ficam as residências e os animais à solta. Além disso, há trabalhos de outras naturezas, como a manutenção das cercas, a execução de construções para a comunidade, a limpeza das vias, entre outros. Devido à reciprocidade, ao zelo e à união familiar intrínsecas aos “puxirões”, essa prática cultural vai além de um modo de trabalho. Segundo o pesquisador Carlos Brandão, podemos observar que:

Mutirão é uma instituição universal, cultivada geralmente nos grupos primários, onde o organizador, necessitando de uma rápida, larga e eficiente cooperação para um serviço, a solicita dos seus vizinhos, comprometendo-se tacitamente a retribuí-la nas mesmas circunstâncias, tão logo lhe seja pedida essa retribuição.<sup>20</sup>

Contudo, o conceito de “trabalho comunal” não é restrito aos faxinais no Sul do Brasil, mas pertencente a quase todo o país, e, assim como já mencionado, trata-se de um conceito amplo de significados variados e de diferentes grafias. Entre as supostas origens do auxílio mútuo como instituição, temos a indígena, e da mesma forma que o Brasil é repleto de etnias, as variações do termo puxirão são riquíssimas. Sendo muito amplo e variado o tronco linguístico existente entre os povos nativos, as diferentes nomenclaturas recebidas pelo conceito tornam-se reflexo da diversidade cultural, como aponta Clovis Caldeira:

A palavra apatchiru dos Tupinaré é a designação usual em tupi para a reunião de gente para um trabalho comum (ordinariamente para uma pessoa daquela gente). Montoya diz: potirõ: poner manos a la obra. Provavelmente a palavra é composta de po-tí e rõ, idem quod rü: poner (Montoya). [...] Do guarani e da Língua geral do norte, a palavra foi adotada no mesmo sentido pela moderna Língua portuguesa do Brasil. No Pará e no Amazonas, a gente diz "puchirum", em São Paulo e nos Estados vizinhos 'motirão'. O primeiro a em apatchiru podia ser o prefixo pronominal da primeira pessoa singular.<sup>21</sup>

Portanto, nota-se a presença da prática dos mutirões entre diversas etnias indígenas. Nota-se que, a variação no termo que designa o trabalho grupal é concomitante, muitas vezes,

<sup>19</sup>As denominações são diferentes, entretanto ambas significam trabalho grupal desenvolvido pelos moradores nos faxinais.

<sup>20</sup> BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O trabalho como festa: algumas imagens e palavras sobre o trabalho camponês acompanhado de canto e festa.** São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 40.

<sup>21</sup> CALDEIRA, Clovis. **Mutirão formas de ajuda mútua no meio rural.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956, p. 26.

com a alteração de uma única letra, como em “pouxirão” e “puxirão” — vocábulos presentes no *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* (6.<sup>a</sup> edição) —, ou com a mudança considerável da grafia, como as denominações “ajuricaba” e “traição”.

A prática do “trabalho comum” está, de inúmeras formas, enraizada na cultura brasileira, pois tal prática pode ter início com os nativos, todavia, o trabalho mútuo em moldes de auxílio e reciprocidade também era praticado pelos povos africanos. Em relação a esta contribuição, Ramos aponta que “o mutirão ou putirão, embora seja termo de origem tupi, é uma forma de trabalho coletivo de origem africana”<sup>22</sup>. Pode-se apontar que a origem seja africana, entretanto, os mutirões já eram praticados no Brasil muito antes da colonização europeia e, portanto, torna-se importante descobrir e compreender as contribuições dos diversos povos sobre a prática em questão.

Com relação à grafia e à nomenclatura do termo, não nota-se uma grande variação entre os africanos escravizados assim como entre os nativos americanos. Segundo o pesquisador Caldeira<sup>23</sup>, no Brasil, entre os africanos, o termo também era denominado “mutirão” ou “putirão”, com exceção para a denominação de “donkpê”.

Plínio Ayrosa<sup>24</sup>, pesquisador de temas associados ao trabalho grupal, realizou um levantamento das diferentes maneiras de escrever o conceito sobre o qual nos debruçamos neste trabalho e os organizou em três grupos. Segundo a sistematização de Ayrosa, o primeiro grupo é constituído por palavras iniciadas com a letra “p”, o segundo com a letra “m” e o terceiro com diferentes iniciais, como podemos perceber na tabela a seguir:

Tabela 1: Mutirão formas de ajuda mútua no meio rural.

1.º GRUPO	2.º GRUPO	3.º GRUPO
Puxiron	Muxiron	Ajuricaba
Puxirão	Muxirão	Ajuri
Putirom	Mutirom	Adjutório
Putirão	Mutirão	Ajutório
Puchirão	Muchirão	Adjunto

<sup>22</sup> RAMOS, Arthur. **Introdução à Antropologia Brasileira**, Casa do Estudante do Brasil. Rio de Janeiro: Coleção Estudos Brasileiros, v. 1, 1943, p. 467-468.

<sup>23</sup> CALDEIRA, Clovis. *Op. cit.*, p. 27.

<sup>24</sup> AYROSA, Plínio. **Têrmos Tupis no Português do Brasil**. Coleção do Departamento de Cultura, XIII, N.0 1, São Paulo, 1937, p. 175-183.

Pichirum	Michurum	Batalhão
Puxirum	Mutirum	Bandeira
Putirum	Muxirum	
Potirun	Motirun	
Potiron	Motiron	

Fonte: CALDEIRA, Clovis. **Mutirão formas de ajuda mútua no meio rural**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956, p. 27. Cada grupo agrega elementos característicos à prática conforme sua cultura e tradição, assim como uma leve mudança, que pode ser de uma única letra na grafia do conceito, mas, para o grupo, os sentidos atribuídos ao conceito podem alterar-se consideravelmente. As mudanças presentes na tabela acima, mesmo que mínimas, como o “t” e o “x” em “putirum” e “puxirum”, apontam que a proximidade espacial entre as comunidades não garante a semelhança entre as grafias do conceito. Este é o caso do nome dado aos mutirões com menos de dez pessoas nos faxinais abordados nesta análise, em que observamos a divergência de “pixirão” no Faxinal dos Soares para “pitoco” no Faxinal do Salto.

A grande maioria dos nomes<sup>25</sup> é de origem indígena, com variação dialetal entre as etnias que praticavam a forma de trabalho designada. Os termos em tupi, guarani e tupi-guarani são mais frequentemente apontados, Caldeira destaca que “do tupi puchiró - o auxílio, a ajuda, o que bem concorda com essa junção de esforços dos sertanejos do Brasil”<sup>26</sup>. O vocábulo “muxirão” é provável ter derivado do guarani “potiron”, que também apontado na obra de Caldeira como “pôr mãos à obra”.

A riqueza cultural brasileira propicia essa grande variedade de nomes e termos, diretamente ligada ao amplo tronco linguístico dos povos nativos. As nomenclaturas que a prática recebe são perceptíveis por meio das grafias, absorvidas pelos indivíduos. É justamente desse processo de absorção que algumas características mudam, ganhando novos moldes, desde pequenas letras até os sentidos ligados aos puxirões e mutirões. Seja o “puxirum”, o “motirão”, a “traição”, a “bandeira” ou qualquer outro nome que receba, deve-se primordialmente

<sup>25</sup> Fica claro, portanto, uma ampla variedade do termo, com pequenas alterações como “mutirão”, “mutirum”, “muxirã”, “muxirom”, “pixurum”, “pouxirão”, “putirom”, “puxirão”, “puxirum” e os nomes que possuem grafias completamente divergentes das que comumente encontramos em abordagens de grupos tradicionais e em produções envolvendo o tema. Todavia, destaca-se, em todas as contribuições, uma preocupação em demonstrar que “trabalhar em união” e “por as mãos em obra” são os elementos de destaque.

<sup>26</sup> *Ibidem*, p. 26-27.

considerar a riqueza linguística-cultural e o processo de agregação e diversificação pelo qual o tema passou e ainda passa, considerando a amplitude do tema em todo o país.

### **O trabalho grupal no Faxinal do Salto e no Faxinal dos Soares: a significância conceitual**

A História Conceitual nos mostra que um mesmo conceito pode possuir diversos significados em diferentes circunstâncias, seja de localização, contexto, ambiente ou outros aspectos. Cada fator de composição na influência conceitual agregará características próprias por motivos díspares na história do conceito. Como já visto, por terem uma ligação direta com o meio social, os conceitos tornam-se elementos que refletem a realidade a qual estão envolvidos, seja atualmente ou como meio para análise de contextos retrógrados; os conceitos e a sociedade encontram-se em relação de significância mútua e unificada e podem ser considerados, de fato, reflexo um do outro.

Partindo dos pressupostos já explorados neste trabalho, buscaremos analisar a riqueza linguística-cultural em torno do conceito dos puxirões/mutirões nos faxinais do Salto e dos Soares, no município de Rebouças, região Centro-Sul do Paraná. Ao longo da história desses faxinais, o conceito de puxirão representou não só uma prática de trabalho, mas também um elemento constituinte da identidade do faxinalense. Tomado como motivo de orgulho pelos moradores, o “puxirão” compreende inúmeros sentidos e significados de união e identificação. Koselleck<sup>27</sup> menciona que percebemos as relações grupais partindo da oração para a proliferação de elementos presentes no âmbito do grupo social; isto é:

Se partirmos do sentido da oração em direção à constelação histórica dos conceitos ali empregados, como “estamento” ou “ordem” (*Stand*), “classe” (*Klasse*) ou cidadão, rapidamente perceberemos quantas diferentes camadas da “contabilidade social” de então encontram-se ali compreendidas.<sup>28</sup>

Ao lermos este pequeno trecho, rapidamente percebemos que trata-se de uma sociedade estamental, de hierarquia. Da mesma forma, ao mencionarmos que nos faxinais há a prática de “puxirões”, observamos que as relações oriundas do termo imprimem ou geram — para os conhecedores dos elementos de composição da prática — uma concepção do grupo social. Por

---

<sup>27</sup> KOSELLECK, Reinhart. História dos conceitos e história social. In: \_\_\_\_\_. **Futuro Passado:** contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Editora Contraponto/Editora PUC-RIO, 2006, p. 97-118.

<sup>28</sup> *Ibidem*, p. 100.

se tratar de um conceito de união, este transmite para as comunidades um estigma de identificação entre os moradores. Ou seja, são criadas conexões entre os “puxirões”, os faxinalenses e determinados valores, dentre as quais podem ser enunciadas: o zelo entre os faxinalenses, sendo os “puxirões” uma prática que visa a ajuda; a reciprocidade, por estar presente no “puxirão” o sentido de troca e favorecimento para com o outro; e a aliança, pelo sentido de contrato indireto firmado pela ética e pelo caráter no trabalho que favorece o outro.

Entretanto, um “mutirão” firmado por meio de um contrato de trabalho, no qual o pagamento ocorre com dinheiro ou bens, não será o “mutirão da troca”, do zelo, uma vez que o sentimento de cuidado e a identificação com o companheiro não estarão presentes. Tal situação pode ser percebida por meio de um breve trecho da fala do Sr. Amaro de Oliveira, faxinalense que reside no Marmeleiro dos Soares:

Mutirão não é eu ir lá, e contratar dez pessoas vinte pessoas e por pra arrancar feijão, o mutirão é a união familiar, ele é troca de trabalho, esse é o verdadeiro mutirão, ele tem um sentido pra nós que moramos aqui que uma pessoa de ‘longe’ pode não entender.<sup>29</sup>

Na frase “Mutirão não é eu ir lá”, o Sr. Amaro, apesar de transmitir um sentido de localização, não trata de ir a algum lugar, mas sim de realizar a atividade de firmar um contrato para trabalho. Portanto, o puxirão não se constitui como atividade econômica passível de pagamento por meio de dinheiro ou bens do empregador, mas sim do envolvimento da comunidade, da ligação familiar na ajuda para desempenhar as atividades agrícolas ou que, de alguma forma, favoreçam a comunidade, a exemplo da reparação de cercas ou de construções que beneficiem os moradores.

A identificação grupal entre os faxinalenses propicia a relação de zelo pelo outro, demonstra a preocupação, não dependendo exclusivamente de um morador organizar o trabalho mútuo. Se um faxinalense não pudesse trabalhar e cuidar de suas terras por motivo de doença, por exemplo, seus conterrâneos fariam o serviço em “puxirões”, pois sabiam que, quando precisassem, o beneficiado, assim que melhorasse, seria recíproco.

Portanto, para pensarmos o âmbito de sociabilidade nos faxinais, a reciprocidade adquire papel de destaque, pois carrega inúmeros elementos significativos para analisarmos a configuração recíproca dos “puxirões”. Como descreve Sabourin, “[...] a reciprocidade implica

---

<sup>29</sup> Entrevista realizada no faxinal Marmeleiro dos Soares com o Sr. Amaro de Oliveira em 28 de março de 2019.

na preocupação pelo outro para estabelecer o *mana*, para produzir valores afetivos ou éticos como a paz, a confiança, a amizade e a compreensão mútua”<sup>30</sup>.

A plurissignificação do conceito de “puxirão” agrega uma ampla rede de significados e significantes. Além dos sentidos de união e de ajuda, esse conceito reflete alegria e festividade na comunidade e, desta forma, o trabalho para os moradores não é encarado como sacrifício, pelo contrário, um dia de puxirão seria um dia de festa, segundo Brandão<sup>31</sup>. Ao raiar do dia, chegavam os primeiros trabalhadores na casa do beneficiado pelo trabalho, estes eram recebidos com grande alegria e, no decorrer do dia, o trabalho transcorria com muitas músicas e cantorias. Quase todas estas remetiam ao trabalho, à agricultura, aos “frutos que a terra dá” e às ferramentas usadas para desempenhar o serviço.

Mas, a principal festa ainda estava reservada para o final do dia. Após o trabalho, o beneficiado oferecia um jantar ou um baile para seus camaradas, um momento de festejar e de agradecer por mais um dia de trabalho. O namoro também era muito presente nesse momento de celebração, pois as filhas e os filhos dos faxinalenses participavam do baile e, assim este tornava-se uma oportunidade de encontro quase geral da comunidade. Conforme menciona Caldeira:

O aspecto desse processo agrícola, mais de festa do que de labor, atraía sempre. Na maioria, as criaturas ali presentes não pensavam na canseira da derrubada, mas nos quinze dias à tripa fôrra, nas danças, nos namoros e na alegria de tais reuniões. Mãe e filha, donas do Bom Jesus, iam recebendo a vizinhança.<sup>32</sup>

A festa, de fato, era tão valorizada que o Sr. Natalin de Andrade, morador do Salto, relata que:

Como eu era muito festeiro, eu ia trabalhar nos outros faxinais só pra poder entrar no baile, porque quem não trabalhava não entrava, ou tinha que pagar, e o preço era um dia de serviço, pra valer o dia de puxirão, e na época valia um saco de feijão, que é caro até hoje, e eu queria participar da festa.<sup>33</sup>

---

<sup>30</sup> SABOURIN, Eric. **Marcel Mauss**: da dádiva à questão da reciprocidade. Revista Brasileira de Ciências Sociais [online], v. 23, n. 66., p. 131-138, nov. 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-69092008000100008>>. Acesso em: 20 out. 2020.

<sup>31</sup> BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Op. Cit.*

<sup>32</sup> *Idem.*

<sup>33</sup> Entrevista realizada no faxinal do Salto com o Sr. Natalin de Andrade em 03 de novembro de 2019.

A realidade econômica vivenciada nos faxinais até a década de 1990 possibilitava grandes jantãs e festas, entretanto as dificuldades econômicas aos poucos tornaram inviável para os moradores oferecerem o jantar para os companheiros e, por esse motivo, a realização de eventos pós-puxirão caiu em desuso nas comunidades<sup>34</sup>. Hodiernamente, no fim dos “puxirões” realizados nas comunidades do Salto e dos Soares, especialmente nos “puxirões” feitos aos sábados, tornou-se comum a partilha após o trabalho. Cada morador leva bolos, refrigerante, bolachas ou outros alimentos para realizar a partilha.

Sendo, portanto, o conceito uma construção social, o qual nunca permanece estático, observamos que as alterações que os conceitos sofrem com o passar dos anos estão associadas às mudanças histórico-sociais que as comunidades enfrentam. No decorrer do tempo, agregaram-se novas características aos “mutirões”, segundo as necessidades dos faxinais, fazendo com que esse conceito de trabalho grupal abarcasse uma variedade de experiências históricas por motivos variados, como a introdução de maquinário na lavoura e as alterações no aspecto festivo.

A maioria dos relatos dos moradores que residem em ambas as comunidades recorda épocas a partir de 1970. Devemos considerar, inclusive, que os próprios moradores não são mais os mesmos, pois, por mais que a prática continue como tradição familiar, os jovens que acompanhavam seus pais e mães nos mutirões certamente concebiam a rede de significados atrelados à essa prática por diferentes formas, pois a própria prática que um dia o pai recebeu, aos ensiná-la ao filho teve em seus moldes mudanças, mesmo que pequenas. Da mesma forma, quando esse filho for transmitir os ensinamentos que recebeu de seu avô.

O conceito de puxirão une diferentes totalidades de sentidos, como uma teia que se inicia centrada na prática, e, por meio desses inúmeros sentidos e significados, relacionam-se. Ao garimpar nesse rio de totalidades, na amplitude de fios que formam a teia do trabalho grupal, notamos a variedade de elementos formadores desse conceito, não sendo possível analisá-lo sem considerar as significantes que o moldam. Principalmente, como aponta Koselleck, devido à polissemia presente nos conceitos:

O sentido de uma palavra pode ser determinado pelo seu uso. Um conceito, ao contrário, para poder ser um conceito, deve manter-se polissêmico. Embora o conceito também esteja associado à palavra, ele é mais do que uma palavra: uma palavra se

---

<sup>34</sup> Entrevista realizada no faxinal do Salto com o Sr. Natalin de Andrade em 03 de novembro de 2019.



torna um conceito se a totalidade das circunstâncias político-sociais e empíricas, nas quais e para as quais essa palavra é usada, se agrega a ela.<sup>35</sup>

Como já visto, a variedade de significados relacionados aos mutirões nos faxinais está associada aos valores e à identidade cultivados na comunidade: o zelo, a união familiar, a reciprocidade e o festejo. Desta forma, um puxirão é toda uma gama de relações estabelecidas desde a sua organização até os momentos da realização e do pós-trabalho.

Como é comum em diversas lavouras da Região Centro-Sul, foi observado um mutirão numa produção de batatas nos arredores dos faxinais pesquisados, estando presente mais de 50 trabalhadores. Porém, os elementos caracterizadores dos puxirões não estavam presentes, pois foi atribuído ao trabalho um viés puramente econômico, sem troca ou reciprocidade, zelo ou união, mas a busca pelo pagamento ao fim do expediente trabalhado.

No complexo cultural dos faxinais, encontramos ainda o contrato indireto, no qual não há obrigação de reciprocidade, entretanto, há quase um misticismo que envolve a prática, fazendo com que o contrato seja firmado pelo caráter e pela ética. Para que a prática persista e continue, se faz necessário que alguém doe, o outro receba e o beneficiado retribua; a troca dentro do conceito de puxirão vem a ser, portanto, uma construção social. Dessa forma, é firmado um contrato indireto, simbólico e não oficial, mas ligado ao companheirismo entre os moradores, ou seja, como coloca Helio Galvão<sup>36</sup>, trata-se da “cooperação de tipo não-contratual, [...] exatamente aquela que um especialista denominou de ‘relação costumeira entre de assistência mútua entre vizinhos’[...]”.

A essência do companheirismo é o elemento formador da identidade do faxinalense, presente desde a utilização das terras em comum no criadouro e do empréstimo de bens no dia-a-dia até a uma construção social calcada na troca e no favorecimento do outro. Assim, configura-se o cotidiano nestas comunidades, marcado pela identificação e pelo amparo, que envolvem simples trocas e práticas sociais complexas como os mutirões.

### Considerações finais

Partindo das contribuições de teóricos como Koselleck, Veyne e Rüsen acerca da História dos Conceitos, almejou-se neste trabalho realizar uma discussão sobre um complexo

---

<sup>35</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Op. Cit.*

<sup>36</sup> GALVÃO, Helio. **O mutirão no Nordeste**. Rio de Janeiro: Serviço de informação Agrícola/Documentário da vida rural, n. 15, 1959, p. 40.

cultural realizado nas comunidades faxinalenses do Salto e dos Soares, em Rebouças. Através da discussão teórica, aventuramo-nos pelos caminhos da grafia e da linguística, a fim de ressaltar a variedade de termos do conceito de puxirão. Assim, verificamos que, na maioria dos casos, assim como nos contextos e regiões mencionadas, há uma união entre aqueles que praticam puxirão.

Fica claro, desta forma, que em um único conceito, percebemos inúmeros pontos de formação, as caracterizações e os elementos de constituição para que uma palavra deixe de ser somente uma palavra. Um conceito carrega significados e sentidos, são reflexos do meio social ao qual pertencem, pois podem alterar-se com as mudanças do meio, assim, um mesmo conceito pode ter significados diferentes com o passar do tempo. Buscou-se, neste artigo, demonstrar os elementos que fazem com que uma palavra passe ser percebida como conceito por meio de suas significantes. Demonstrando essas situações por meio do conceito de trabalho grupal, analisamos as diferentes grafias do conceito em questão, como “puxirão” e “mutirão” em ambos os faxinais, “pitoco” no Salto e “pixirão” nos Soares.

Por meio da descrição da composição do conceito, percebemos a generalização e a polissemia que envolve os puxirões. Dessa forma, é preciso ter em atenção os processos de ressignificação dos termos proporcionadas pelos neologismos, pois, por meio dos neologismos, os conceitos se mantêm e também podem ter seus significados alterados. Neste caso, mencionamos o momento de partilha ao término do dia de trabalho, sendo que atualmente não é tão cabível a realização de um baile ou de uma janta, mas sim da partilha conjunta entre todos.

A história da prática dos mutirões abarca uma gama de saberes, repleta de sentidos e significados. Assim, a História dos Conceitos propicia uma grande contribuição para que, a partir do entendimento conceitual da prática, partindo de pequenos recortes e considerando cada elemento de composição, possamos analisar a prática do mutirões. Sendo esta uma forma de interação que reúne diferentes totalidades e carrega uma variedade de experiências históricas, configurando-se como conceito, deve ser compreendida e problematizada no social como um processo não estático, e reconhecida, pela importância que representa na constituição destas comunidades, como ainda presente. Mediante a estes fatores, nota-se a importância dos mutirões, que tiveram seus elementos enraizados na identidade dessas comunidades.

## Referências

### Fontes

### Entrevistas

Entrevista realizada no faxinal Marmeleiro dos Soares com o Sr. Amaro de Oliveira em 28 de março de 2019.

Entrevista realizada no faxinal do Salto com o Sr. Natalin de Andrade em 03 de Novembro de 2019.

Entrevista realizada no faxinal do Salto com a Sra. Regiane Aparecida de Andrade em 11 de outubro de 2019.

### Livros e artigos

AYROSA, Plínio. **Têrmos Tupis no Português do Brasil**. Coleção do Departamento de Cultura, XIII, n.01, São Paulo, 1937.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O trabalho como festa**: algumas imagens e palavras sobre o trabalho camponês acompanhado de canto e festa. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CALDEIRA, Clovis. **Mutirão formas de ajuda mútua no meio rural**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

CAMPIGOTO, José Adilçon; SOCHODOLAK, Hélio (Org.). **Estudos em história cultural na região sul do Paraná**. Guarapuava: Editora da UNICENTRO, 2008.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. Apresentação. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

GALVÃO, Helio. **O mutirão no Nordeste**. Rio de Janeiro: Serviço de informação Agrícola/Documentário da vida rural, n. 15, 1959.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. História dos conceitos e história social. In: \_\_\_\_\_. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Editora Contraponte/ Editora PUC-RIO, 2006. pp. 97-118.

KOSELLECK, Reinhart. Uma História dos conceitos: problemas teóricos e práticos. Trad. e Ed. Manoel Luiz Salgado Guimarães. **Estudos Históricos**, v. 05, n. 10, p. 134-146, 1992.

RAMOS, Arthur. **Introdução à Antropologia Brasileira**. Casa do Estudante do Brasil v. 01. Rio de Janeiro: Coleção Estudos Brasileiros, 1943.

RÜSEN, Jörn. Reconstrução do passado. In: \_\_\_\_\_. **Teoria da História II**: Os princípios da pesquisa histórica. Brasília: Ed do UNB, 2007.

SABOURIN, Eric. Marcel Mauss: da dádiva à questão da reciprocidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** [online], v. 23, n. 66., p. 131-138, nov. 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-69092008000100008>>. Acesso em: 20 out. 2020.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VEYNE, Paul. História Conceitual. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: Novos Problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. pp. 64-88.